

Olhar para Cristo

Exercícios de fé, esperança e caridade

Olhar para Cristo

Exercícios de fé, esperança e caridade

Joseph Ratzinger

2ª edição

Tradução
Kristina Michahelles



QUADRANTE

Título original
Auf Christus schauen

Copyright © 1989, 2005
Editoriale Jaca Book Srl, Milão

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ratzinger, Joseph

Olhar para Cristo : exercícios de fé, esperança e caridade / Bento XVI; tradução de Kristina Michahelles. – 2ª edição – São Paulo : Quadrante, 2025.

Título original: Auf Christus schauen

ISBN: 978-85-54991-37-1

1. Virtudes teologais 2. Exercícios espirituais I. Título

19-30769

CDD 234

Índice para catálogo sistemático:

1. Fé e esperança : Virtudes teologais : Salvação :
Teologia dogmática cristã 234

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Prefácio	9
Capítulo I - Fé	13
A fé na vida cotidiana como atitude fundamental do ser humano	17
Seria o agnosticismo uma saída?	20
Interlúdio: a insensatez dos sábios e as condições da verdadeira sabedoria	24
O conhecimento natural de Deus	30
A fé «sobrenatural» e suas razões	35
Desdobramentos do princípio fundamental	38
O ancoramento da fé na visão de Jesus e dos santos	38
A verificação da fé na vida	40
Eu, tu e nós na fé	43
Capítulo II - Esperança	47
Otimismo moderno e esperança cristã	49
Três exemplos bíblicos da natureza da esperança cristã ...	58
O profeta Jeremias	58
O Apocalipse de São João	61
O Sermão da Montanha	63
São Boaventura e São Tomás de Aquino sobre a esperança cristã	71

Capítulo III - Esperança e amor.....	75
Esperança e amor no reflexo de suas contradições.....	77
O lento escoamento da esperança e do amor na preguiça do coração (acídia).....	79
As filhas da acídia	84
Modalidades da autoglorificação: o pelagianismo burguês e o pelagianismo dos piedosos.....	87
Medo, esperança, amor.....	89
Da essência do amor.....	93
O amor como sim.....	94
Amor e verdade, amor e cruz.....	96
O que é o amor de si?.....	101
Essência e caminho do ágape	104
Uma palavra do Sermão da Montanha.....	108
Epílogo - Duas homilias sobre fé e amor.....	111
«Que devo fazer para possuir a vida eterna?».....	113
O olhar puro e o bom caminho	119

*Em memória de
Josef Pieper (1904-1997),
com gratidão e veneração.*

PREFÁCIO

Quando, no verão de 1986, Mons. Giussani, fundador do movimento Comunhão e Libertação, convidou-me para dirigir alguns exercícios espirituais a sacerdotes de seu movimento, havia acabado de chegar à minha mesa o volume em que Josef Pieper reunira seus tratados sobre *Amar, esperar, crer*, originalmente redigidos em 1935, 1962 e 1971. Isso me animou a dedicar os dias dos exercícios espirituais às «três virtudes teologais», para o que me servi das meditações filosóficas de Pieper como uma espécie de livro-texto. Assim se explica que, sobretudo no terceiro capítulo, a linha básica de raciocínio siga a exposição de Pieper, a quem devo uma série de excelentes citações, em especial de São Tomás de Aquino. Minha contribuição esteve em estender a exposição filosófica de Pieper, já esboçada no horizonte cristão, à dimensão teológica e espiritual.

De início, relutei à pressão, vinda dos participantes do retiro de Collevallenza, pela publicação destes textos. Quando, porém, dois anos depois, revi o manuscrito, pareceu-me que a simbiose entre filosofia, teologia e espiritualidade suscitada pelas coincidências dos prepara-

tivos poderia ser frutífera e abrir novos caminhos. Ao traduzir os textos para o alemão, eu os retrabalhei, mas não quis eliminar seu caráter de exposição oral e conservei intactas, conscientemente, as alusões às motivações originais dos exercícios. A ideia estava em conservar o calor real das expressões e, ao mesmo tempo, abrir caminhos para novas concretizações. A fim de enriquecer um pouco as afirmações ainda bastante fragmentárias sobre o amor, acresci à presente edição duas homilias que fiz no Chile no verão de 1988. Espero que, a exemplo das pregações que estiveram em sua origem, o pequeno volume aqui resultante sirva como nova iniciação àquelas atitudes fundamentais pelas quais a existência humana se abre para Deus e, assim, torna-se humana de fato.

Roma, Quarta-feira de Cinzas de 1989
Joseph Ratzinger

CAPÍTULO I

Fé

As reflexões deste livro não são apenas considerações teóricas, mas pretendem ser um convite a alguns «exercícios espirituais». De que se trata, afinal? O que fazemos? Só se pode «exercitar» algo que de alguma forma já se possui. Exercitar-se pressupõe um fundamento já dado. No entanto, somente por meio do exercício é que tomo posse de determinada qualidade, dispondo sobre ela e fazendo com que se torne fértil. Um pianista deve «exercitar» sua arte; caso contrário, perdê-la-á. Um atleta precisa «treinar», pois só assim entrará em plena forma. Depois de quebrar uma perna, devo voltar a exercitar o órgão em reabilitação, para que aprenda de novo a sustentar-me – e assim por diante. O que devemos «exercitar» ao longo desses dias? Os «exercícios» são uma iniciação à existência cristã. No entanto, uma vez que a existência cristã não é uma arte a mais em meio a muitas outras, mas tão somente a existência humana vivida tal e como se deve, poder-se-ia dizer que queremos exercitar a arte de uma vida justa. Queremos aprender a arte das artes, a da existência humana.

Aqui logo se impõe um olhar sobre o panorama de nossa vida cotidiana. Na sociedade de hoje, reina um sistema altamente desenvolvido de formação profissional que elevou ao máximo as possibilidades do domínio humano das coisas. O poder do homem, no sentido do domínio do mundo, atingiu proporções quase vertiginosas. Na arte do «fazer» tornamo-nos grandes, grandíssimos, mas na do «ser», na arte de existir, tudo é diferente. Sabemos o que podemos «fazer» com as coisas e com os homens, mas daquilo que as coisas são, daquilo que o homem *é*, não falamos mais. É dessa arte perdida, da arte de saber viver, que trataremos nestes dias. Nesse particular, estamos em situação parecida com a de quem sofreu fratura múltipla dos ossos: precisamos reaprender aos poucos a «caminhar» na fé, a usar nossas energias interiores. As conferências não servirão senão como uma espécie de orientação, como um primeiro estímulo a um engajamento interior pessoal e coletivo. É isso o que importa de fato se quisermos que os «exercícios» frutifiquem.

A fé é o ato fundamental da existência cristã. No ato de fé se expressa a estrutura essencial do cristianismo, sua resposta à pergunta de como chegar à meta na arte da existência humana. Outras respostas foram oferecidas. Nem todas as religiões são «fé». O budismo, por exemplo, em sua forma clássica, não almeja esse ato de autotranscendência, de encontro com o totalmente Outro – com Deus, que fala comigo e me convida ao amor. O que caracteriza o budismo é, antes, um ato radical de interiorização: não é o ato de sair de si, mas o voltar-se para dentro, o que levará à libertação do jugo da individualidade, do fardo de ser pessoa, ao retorno à identidade comum de todo ser. E isso, se comparado à nossa experiência existencial, pode ser

definido como não ser, como nada, se quisermos expressar toda a sua alteridade¹.

A fé na vida cotidiana como atitude fundamental do ser humano

Não queremos, entretanto, entrar nessa discussão aqui; muitas das coisas que serão ditas podem servir perfeitamente bem como resposta às perguntas que surgirão. Importa-nos tão somente aprender o ato fundamental da existência cristã, o ato da fé. E, tão logo começamos a trilhar este caminho, damos de cara com um obstáculo. É como se sentíssemos uma das fraturas internas que nos impedem a movimentação no campo da fé. Surge a pergunta: seria a fé uma atitude digna de uma pessoa moderna e madura? «Crer» parece algo provisório, transitório, algo que gostaríamos de transpor, ainda que muitas vezes, justamente na condição de atitude provisória, seja inevitável: ninguém é capaz de conhecer e dominar com seu próprio saber tudo aquilo sobre o que, numa civilização tecnológica, nossa vida se fundamenta. Devemos aceitar muitíssimas coisas – a maioria delas – confiando na «ciência», e ainda mais na medida em que essa confiança parece vir confirmada pela experiência comum. Da manhã até a noite, todos utilizamos produtos tecnológicos cujos fundamentos científicos ignoramos. A estática dos

(1) Cf., a este respeito, o volume 13 da coleção *Die Religionen der Menschheit*, organizada por Chr. M. Schröder: A. Bareau, W. Schubring, Chr. von Furer-Haimendorf, *Die Religionem Indiens III*, Stuttgart, 1964; sobre a relação entre cristianismo e budismo, cf. H. Bürkle, *Einführung in die Theologie der Religionen*, Darmstadt, 1977, págs. 63-91, onde se encontram outras referências bibliográficas.

arranha-céus, por exemplo: quem é capaz de recalculá-la para se certificar de que está correta? O funcionamento de um elevador? Todos os objetos elétricos e eletrônicos com que lidamos? Ou (o que já é bem mais delicado) a confiabilidade da composição de um medicamento? Poderíamos prosseguir com outros exemplos. Vivemos enredados numa teia de coisas que não sabemos explicar e em que confiamos devido a experiências geralmente positivas. «Acreditamos» que tudo isso esteja correto e, em virtude dessa «fé», tomamos parte no produto do conhecimento de outrem.

Ora, que tipo de fé é esse que vivemos praticando inconscientemente e que constitui, ademais, a base de nossa convivência cotidiana? Não tentemos começar com uma definição. Atenhamo-nos, antes, àquilo que pode ser constatado à primeira vista. Dois aspectos opostos desse tipo de «fé» saltam aos olhos. Num primeiro momento, constatamos que uma fé assim é indispensável em nossas vidas; do contrário, nada mais viria a funcionar e cada um de nós precisaria recomeçar sempre do zero. Essa reflexão é válida também em sentido mais profundo, pois significa que a vida humana seria impossível se não pudéssemos confiar no outro e nos outros, se não pudéssemos nos fiar em sua experiência e no seu conhecimento, naquilo que nos é apresentado. Esse é um dos lados – o positivo – dessa «fé». Ao mesmo tempo, ela é expressão natural de um desconhecimento e, como tal, de uma postura secundária: a de que saber seria melhor. A maioria de nós só pode confiar em todo o mecanismo do universo técnico porque algumas pessoas estudaram um setor particular e o conhecem. Nesse sentido, o desejo de passar o quanto antes da crença ao saber – pelo menos nesse particular – é acertado e correto.

Não obstante estejamos ainda muito longe da esfera da religião e nos movamos no domínio da vida puramente intramundana, cotidiana, chegamos a conclusões que são importantes para o fenómeno da fé religiosa e que, por isso mesmo, desejamos agora precisar expressamente.

Dissemos que há dois aspectos a serem distinguidos no âmbito da «fé cotidiana» (é assim que iremos denominá-la). Num primeiro momento, ela vem revestida de um carácter de insuficiência, de provisoriedade; não passa de um primeiro degrau do saber e deve ser superada tanto quanto possível. No entanto, há junto desse aspecto algo mais: uma «fé» assim é confiança mútua, participação comum na tentativa de compreender e dominar o mundo. Esse aspecto é essencial para a formação da vida humana. Não pode haver sociedade sem confiança. As palavras de São Tomás de Aquino, embora ditas noutro contexto, valem também aqui: a incredulidade é essencialmente incompatível com o género humano². Já podemos constatar, portanto, que os diferentes níveis não deixam de ter certa relação entre si...

Elaboramos até aqui algo parecido com uma «estrutura axiológica» da fé natural: examinamo-la e descobrimos que, se por um lado possui valor menor em relação ao «saber», por outro também abarca um valor fundamental da existência humana, sem o qual nenhuma sociedade poderia subsistir. Além disso, podemos agora elencar também os diferentes elementos que fazem parte de uma fé assim (a «estrutura de seu ato»). São três. Essa fé sempre se refere a alguém que «conhece» alguma coisa

(2) *Summa theologiae*, II-II, q. 10, a. I ad I; cf. J. Pieper, *Lieben, hoffen, glauben*, Munique, 1986, págs. 315 e 376.

a fundo. Pressupõe um conhecimento verdadeiro e específico de pessoas qualificadas e críveis. A isso se acrescenta, em segundo lugar, a confiança de «muitos» que, em seu uso cotidiano das coisas, confiam na solidez do saber em que elas se baseiam. Por fim, como terceiro elemento, podemos apontar certa verificação do saber na experiência cotidiana. Embora eu não seja capaz de demonstrar como funciona uma corrente elétrica, o funcionamento diário dos meus equipamentos constitui uma prova em si, fazendo com que eu, embora não seja um dos que sabem, não aja com uma fé «pura» e totalmente carente de confirmação.

Seria o agnosticismo uma saída?

Com tudo isso, descortinam-se perspectivas para a fé religiosa e semelhanças estruturais. Todavia, se tentarmos fazer agora a transição, uma objeção de peso logo se interpõe, e poderíamos formulá-la da seguinte maneira. Talvez ocorra que, na convivência humana, seja impossível «saber» tudo o que é necessário e útil para a vida e que nossa capacidade de agir se baseie no fato de que participamos do «saber» dos outros mediante um ato de «fé». No entanto, nisso permanecemos na esfera do saber humano, que em princípio pode ser adquirido por todos. No caso da fé na Revelação divina, a fronteira do conhecimento humano é ultrapassada. Mesmo que a existência de Deus possa tornar-se «saber», a Revelação e seus conteúdos continuam sendo questão de «fé» para todos, algo que jaz além de tudo quanto se faz acessível ao nosso conhecimento. Não há mais como se referir ao conhecimento específico de algumas pessoas em que,

porque conhecem as coisas por investigação própria, poderíamos então confiar. Desse modo, mais uma vez nos encontramos – e com todo o vigor – diante da seguinte pergunta: esse tipo de fé seria compatível com a consciência crítica moderna? À pessoa madura dos tempos de hoje, não seria mais adequado deixar de julgar essas matérias e esperar o momento em que a ciência puder dar respostas definitivas também a essas questões?

A atitude expressa nessas perguntas sem dúvida corresponde à consciência média do acadêmico de hoje: a honestidade do pensamento e a humildade diante do desconhecido parecem recomendar o agnosticismo, ao passo que o ateísmo já sabe demais e claramente carrega em si certo elemento dogmático. Ninguém pode afirmar que «sabe» – em sentido estrito – que Deus não existe. Pode-se trabalhar com a hipótese de que Ele não existe e tentar explicar o universo a partir dela. A ciência moderna trabalha fundamentalmente com esse pressuposto. Todavia, quando o método respeita esses limites, fica claro que o âmbito da hipótese não pode ser ultrapassado e que mesmo uma explicação ateísta do universo, embora aparentemente correta, não conduz à certeza científica da inexistência de Deus. Ninguém é capaz de apreender experimentalmente a totalidade do Ser e suas condições. Nesse ponto, simplesmente chegamos aos limites da condição humana, da capacidade cognitiva do homem como tal – e isso não apenas sob as condições atuais, mas de maneira essencial e intransponível. A questão de Deus não pode ser confinada aos limites da pesquisa científica *stricto sensu*. Nesse sentido, a afirmação de um «ateísmo científico» constitui uma presunção contraditória, ontem, hoje e amanhã. Todavia, tanto mais se impõe, aqui, o problema de saber se a questão da existência de Deus

ultrapassa mesmo os limites da possibilidade humana, fazendo com que o agnosticismo seja a única atitude correta do homem real, leal, quiçá até «piedoso», na acepção mais profunda da palavra – o reconhecimento de que nosso campo de visão tem limites e de que não podemos chegar ao inacessível. A nova religiosidade do pensamento não deveria, talvez, deixar de lado o imperscrutável e contentar-se com o que nos foi dado?

Quem quiser responder a essa pergunta, que é própria do homem que crê, deve se precaver de qualquer precipitação. Com efeito, diante desse tipo de humildade e piedade, logo se nos impõe o argumento de que a sede de infinito faz parte da essência do homem – e mais: que ela é a própria essência humana. Seu limite só pode ser a falta de limites, e as fronteiras da ciência não devem ser confundidas com os limites de nossa existência propriamente dita. Isso revelaria uma compreensão equivocada tanto da ciência quanto do ser humano mesmo. Ali onde almejasse esgotar os limites do conhecimento humano, a ciência sairia do âmbito científico.

Tudo isso me parece verdadeiro, mas tratar-se-ia, como já se disse, de uma resposta precipitada. Deveríamos, antes, examinar pacientemente a hipótese do agnosticismo quanto à sua sustentabilidade, isto é, quanto à sua consistência como resposta não só à ciência, mas à vida humana. Por conseguinte, a pergunta correta a ser levantada é: a proposta do agnosticismo é passível de ser realizada? Podemos nós, na condição de seres humanos, simplesmente deixar de lado a questão de Deus, as perguntas que questionam de onde viemos, para onde vamos e a medida do nosso ser? Podemos simplesmente viver de maneira hipotética, «como se Deus não existisse», ainda que talvez Ele exista? Para o homem, a questão

de Deus não é um problema teórico como, por exemplo, a pergunta sobre se existem elementos ainda desconhecidos da tabela periódica, etc. Antes, é eminentemente prática e se estende a todos os setores de nossa vida. Se, portanto, faço valer o agnosticismo na teoria, na prática devo decidir entre duas possibilidades: viver como se Deus não existisse ou viver como se Deus existisse e fosse a verdade normativa da minha existência. No primeiro caso, adotei praticamente uma posição ateísta, fazendo de uma hipótese que pode ser falsa a base de toda a minha vida. Se, porém, me decido pela segunda opção, movo-me numa religiosidade puramente subjetiva que pode lembrar Pascal, cujo embate filosófico, no início da era moderna, girava todo em torno dessa constelação especulativa. Por chegar à convicção de que essa pergunta de fato não pode ser resolvida no plano do pensamento puro, recomendou aos agnósticos que tentassem a segunda opção, vivendo como se Deus existisse. Ao longo da experiência, e apenas por meio dela, chegariam à conclusão de que fizeram a opção correta³.

De todo modo, a luz da solução agnóstica parece não resistir a um exame mais minucioso. Como teoria pura, o agnosticismo parece brilhante; no entanto, em essência, ele é mais do que mera teoria: o que está em jogo é a prática da vida. É onde quer que se tente «praticá-lo» nessa sua dimensão real, o agnosticismo se esvai como uma bolha de sabão. Ele se dissolve porque não consegue fugir da escolha que justamente tenta evitar. Para o homem, não há neutralidade possível diante da pergunta

(3) *Pensées*, 451, 4, na edição da Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1954; cf. R. Guardini, *Christliches Bewusstsein. Versuche über Pascal*, Munique, 1950, págs. 199-246.

sobre Deus. Ele só pode dizer sim ou não, com todas as consequências que isso traz até mesmo para as coisas mais ínfimas da vida.

Interlúdio: a insensatez dos sábios e as condições da verdadeira sabedoria

Nessa altura, gostaria de interromper por um instante a nossa reflexão, que talvez se tenha tornado algo abstrata, a fim de introduzir uma parábola bíblica. Retomaremos depois o fio de nosso pensamento. Penso na história contada por Jesus e registrada em Lucas 12, 16-21.

A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: «Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita». Depois pensou: «Eis o que farei: demolirei meus celeiros, construirei maiores, e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens. E direi à minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te». Mas Deus lhe disse: «Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?». Assim acontece àquele que ajunta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus.

Sem dúvida, o rico dessa parábola é inteligente. Conhece seu negócio. Sabe calcular as possibilidades do mercado, levando em consideração os fatores de insegurança que vêm tanto da natureza quanto do comportamento humano. Suas reflexões são sensatas, e o êxito lhe dá razão. Se ampliarmos um pouco a parábola, poderíamos dizer que ele certamente é inteligente demais para ser ateu. No entanto, estivera vivendo como agnóstico,